

Outros sabores

Críca Marques

Apresentado por

Meu Lado Poético 



Dedicatória

*"Escrevo para vencer o medo,
para erguer castelos e depois destruí-los,
para dizer palavras impossíveis,
para fugir de mim e me reconciliar comigo mesma.*

*Ser solitário é uma aventura
Você se expõe e se encolhe
Se tranca e se atira
Respira aliviado e suspira tenso
Não sabe o que precisa fazer
Pois há tanto a escolher
Mas há que decidir, que direcionar
Há que se jogar, se entregar
Ou viverá uma aventura incompleta"*

Críca Marques

Agradecimentos

Ao querido amigo, VictorOH, pela troca e pelas palavras fortes que me fazem despertar cada dia um pouco mais neste exercício. Como ele diz: “Temo aquilo que escrevo, pois vem de tantos lugares que eu não sei quando vem de mim”;

A todos aqueles que viram histórias, lembranças, inspiração, que de forma proposital ou involuntária, me fazem querer continuar a escrever;

Aos meus filhos e aos meus pais, gerações com quem aprendo todos os dias, inclusive a mais importante das lições, o amar.

Sobre o autor

Segunda coletânea de poemas publicada por Crica Marques, a primeira neste novo formato com o qual ainda a autora busca se adaptar. \\\"Momentos e tormentos\\\" foi sua estreia nos poemas, acompanhado do livro de contos \\\"O fio da meada\\\". Algum tempo depois, o primeiro romance, \\\"Pedras no caminho\\\" foi uma novidade de estilo e sua primeira participação como autora em lançamento na Bienal do Livro, no Rio de Janeiro (2019). Neste ínterim, esta carioca manteve o hábito e o amor pelos textos que lê e que escreve, \\\"como parte de mim que são\\\", segundo Crica.

resumo

Carta de (des)amor

Há você

Destempero

Talvez

Crua Carne

A cor

Esse espaço

Madrugada

Beijo

Flutuando

As cartas

Emoção

Minha dor

Insônia

Uma verdade

O solitário escrever

Pureza

Pela janela

Poema sem rima

Retalhos

Risco de vida

Onde está a poesia?

Um certo olhar

Ela

Trinta dias

A espera

Preto

Doce contagem

Minha paixão

Bastou uma vez

Sempre ela

Carta de (des)amor

Essa dor não faz o menor sentido
Mas é sentida, precisa ser sentida
É essa a dor de um grande amor
E de sua morte, de seu fim

Essa não é uma carta comum. Cheia de sonhos, de colorido.
É uma carta de dor e de amor, de (des)amor.
Lida por vozes diferentes,
"é um sentimento conjunto em que vários corações se derramam e se consolam". (VictorOH)
Ela flui com a intensidade do sentir, com o que faltou, com o que sobrou.
Com as composições de cada momento único.
Fato raro, é resultado de fonte única, de uma só inspiração.

Você quebrou a sequência
E trouxe ação, reação, confusão
Você me satisfaz sem me preencher
E me ancora sem me prender

Você virou meu (des)norte
Um amor sem romance, quem diria?
Travessia sem bússola
Sem rota de navegação
Sem porto e sem rumo

Me deixo levar
Deixo você me pilotar
Atravessar, percorrer, romper

Quando a tempestade passa
E você se vai
Tudo se esvazia
A viagem termina, a onda quebra na areia
E fico só.

Tenho mais medo de deixar você ir
Do que te permitir entrar de vez
Porque seu olhar
Ah, esse olhar de imensidão em cinza
É de preenchimento completo
E de um vazio assustador

Há você

Há uma proeza
Uma leveza em você
Que me intriga e me apavora

Há no seu olhar um vazio
Um negro tão denso
Que me engole sempre

Há em seu toque um calor
Um sabor inédito
Uma ânsia descontrolada

Há um aroma de novo
Um sentimento púbere
Um quê de desafio, de espanto

Há algo que não consigo descrever
Nem com mil palavras
Nem com minhas canções de silêncio

E se isso há
Tudo há
Tudo está

Há uma paixão
Uma saída para minha alma cansada
Ainda há
Não há?

Destempero

Você quer o meu sangue
O meu desespero
Minha ira, minha fúria
Meu titã adormecido

Quer me ver louca,
Fora de mim, sem chão
No palco das brigas
Descabelada, aos prantos

Você quer que eu diga
O que você não quer ouvir
Quer que eu mostre
O que você se esforça para ocultar

Você quer o meu sangue
O meu desespero
Meu suor ardido
Meu prazer dolorido

Quer me jogar no abismo
Me fazer perder a cor
Me perder de mim mesma
Me desgrenhar, me expor

Você quer que eu diga
O que você não quer ouvir
Que eu aponte seus defeitos
E crave as unhas em suas feridas

Você quer o meu sangue

Como tempero
Quer meu grito
Meu destempero.

Talvez

Talvez eu esteja muito acelerada
Apesar de me sentir esmorecida
A mente ágil também cansa!

Talvez a fadiga seja na alma
Naquilo que não se vê
Naquilo que me consome por não caber em mim

Talvez seja mais difícil no passado que adiante vem
Na verdade, não importa
Há que perseguir, há que persistir

Talvez a busca esteja terminando
Pois ao me encontrar, posso enfim me perder
Descansar em novos planos

Talvez o medo não seja do desconhecido
Seja do imutável, do intocável
Daquilo que não posso esconder, mas que não devo expor

Talvez o caminho do meio não seja o meu
Minha índole seja da encruzilhada
Do poder da escolha, do risco de errar

E talvez o cansaço seja mais irmão do que inimigo
Mais amigo do que traiçoeiro
Mais de mim do que imagino ser

Crua Carne

Nua, crua carne

Queima

Dilacera

Desestrutura

Sonha alto

Cai da cama

Sai da toca

Desespera

Faz de tudo para não ver

Para ser

Jejua do amor

Desfaz

Voa baixo

Cai no chão

Remexe a terra

Engole a lágrima salgada

Nua, crua carne

Implora

Se humilha

Destoa

Quer mais, quer tudo

Quer se achar e se perder

Desiste

Quer arder.

A cor

Delicada flor
Cor de lavanda
Treme e perfuma
Enfeita o seu lugar

Lilá
Arroxendo-me
Um dégradé suave
Poema multicolor

O lilás é o meu caminho do meio
É meu disfarçar
Meu rejuvenescer
Meu vestido florido

No lírio, na orquídea
Na apatia que sou
Minha borboleta
Voa solta, voa para mim

Decora meu mundo
Sem cor, essa cor
Dá dor aos meus sonhos
Aos meus campos em flor.

Esse espaço

Um espaço é apenas um espaço
Um intervalo, uma pausa
Um ténue vazio
Uma sutil ausência
Uma leve falha
Um abismo

Cabe tudo nesse espaço
Tantos sonhos, tantas expectativas
Um pequeno mundo
Uma vida inteira
Toda uma galáxia

É um armário de lembranças
Uma estante de mapas
Um mostruário de vidas
Um cardápio de saberes

O que é esse espaço?
O que nele falta? O que nele cabe?
De que é feito esse espaço?
O que o preenche?

Esse espaço sou eu
Ele é minha mente, meu coração
É tudo de que careço
Esse espaço me completa
E me faz falta.

Madrugada

Quero dormir
Já não posso pensar
A calma precisa
Descansar e voar

Britadeira
Metralhadora
Torrente
Correnteza

Quero dormir
Já não posso pensar
Nem na inocência
Nem no silêncio

Faladeira
Desafinada cantora
Arrasta corrente
Pesada tristeza

Quero dormir
Já não posso pensar
Fado, triste canção
Acalma em sonho este meu coração.

Beijo

Quero seu beijo
Quero um beijo seu
Para saber que gosto você tem
Se tem o sabor que eu criei
Ou se foi apenas algo que imaginei

Quero seu beijo
Quero um beijo seu
Quero saber como se sente
Qual a sensação de estar em sua boca
Saber se é profana, se é louca

Quero seu beijo
Quero um beijo seu
Macio, molhado, casto ou não
Quero o cheiro de dentro de você
E todos seus brilhos de paetê

Quero seu beijo
Quero um beijo seu
Provar um néctar e um segredo
Galeria de tons que te desenham
Que toquem os sinos, que todos venham

Quero seu beijo
Quero um beijo seu
Para saber se nele posso sumir
Quero voar, me entregar
E nunca mais ter que aterrizar.

Flutuando

Nas lembranças que me vêm
Ora sou menina, ora mulher feita
De sonhos muitos, de medos infindos

Revejo pessoas que perdi
Outras que se perderam de mim
Lugares, esconderijos, pontos de vistas lindíssimas

Rememoro sons, cores,
Pedidos feitos em troca de moedas
Soprados em velas, implorados a estrelas cadentes

Sinto a água gelada e salgada tocando meus pés
Vejo o brilho das estrelas através de uma janela
A dor e a delícia de momentos que há muito se foram

De repente, uma música, um aroma
E lá estou eu novamente,
Ansiando por ser

Solta, ora flutuo, ora sou levada
Como folha que sou
Rajada de vento, pulsar e silêncio.

As cartas

Assino todas as cartas de amor
Que um dia te escreverei
Como tua amada, tua querida

Nessas cartas há um pouco de sonho
Um quê de irritação
Uma pitada de expectativa

Com as cartas espero te convencer
Te encantar, te emocionar
Te fazer lembrar de tudo que seremos um dia

Assino todas as cartas de amor
Que nunca te enviarei
Como tua amada, tua querida

Como aquela que caminhou ao seu lado
E que nunca esteve contigo
Que sonha um sonho impossível

Nas cartas ponho um pouco de mim
Ponho muito do que eu queria ser
E mais ainda do que seríamos nós juntos

Assino todas as cartas de amor
Que sempre serão para você
Como tua amada, tua querida

E um dia você (nunca) as receberá.

Emoção

Canção triste

Palavras francas

Grandes segredos

Íntimas revelações

Por de sol

Dia cinza

Noite de luar

Eclipse

Lágrimas

Dedicatória

Fim de filme

Cartas de amor

Pergunta difícil

Mar ondulado

Anúncio de chuva

Canto de cigarra

Voo de borboleta

Chocolate

Dúvida

Beijo de mãe

Abraço apertado

Saudade

Elogio sincero

Risada de criança

Cheiro de bebê

Traição

Mão macia

Afeto contido

Amigo imaginário

Brisa

Solidão.

Minha dor

Tem que haver um corte
Uma fenda, uma cicatriz
Tem que ser rude, hard
Difícil de entender

Tem que ter sonho e frustração
Tem que ser segundo lugar
Tem que doer, arruinar
Desconstruir até acabar

Tem que eliminar qualquer começo
E levar ao fim
Tem que moer a alma
Causar estranheza, abrir o precipício

Se não, não é dor
Não é a minha dor
Não sou eu.

Insônia

Multidão de ideias
Explosão de pensamentos
Rio sem fim

Não sossega
Não acalma
Não dorme

Metralha a alma
Conta as horas
Não descansa

Olhos abertos
Mente alerta
Olhos fechados
Mente torturada

Escreve, registra
Guarda na memória
(Não) espera o amanhã
Insônia maratona.

Uma verdade

Só

Sozinha

Solitária

Deserta

Desamparada

Louca

Tresloucada

Fora de si

Maluca

Aluada

Sumida

Desaparecida

Escondida

Obscurecida

Evanescida

Cinco sentidos

Quatro estações

Três estados

Dois mundos

Uma verdade.

O solitário escrever

Escrevo para vencer o medo,
para erguer castelos e depois destruí-los,
para dizer palavras impossíveis,
para fugir de mim e me reconciliar comigo mesma.

Ser solitário é uma aventura
Você se expõe e se encolhe
Se tranca e se atira
Respira aliviado e suspira tenso

Não sabe o que precisa fazer
Pois há tanto a escolher
Mas há que decidir, que direcionar
Há que se jogar, se entregar
Ou viverá uma aventura incompleta.

Pureza

Se não há dor, pode haver conquista?
Se não há dúvida, pode haver compreensão?
Se não há solidão, pode haver encontro?
Se não há química, pode haver paixão?

Há beijos mais intensos, outros mornos
E tudo bem que seja assim
Há muitas metades em cada um de nós
Verdades múltiplas e segredos sem fim

Somos muitos em um só
Muitas dúvidas, muitas dores
Forças extremas, fraquezas constrangedoras
Ódios cruéis e fracos amores

Os olhares ávidos, famintos
As bocas desesperadas por lábios e beijos
O carinho guardado nas mãos cansadas
E no coração um sem-fim de desejos

A rima é pobre, a carne fraca, eu bem o sei
Mas o que se acende em mim não tem mais cura
O calor vem de dentro, a luz de fora
O querer é contaminado, mas a sensação é pura.

Pela janela

Pela janela vejo o mundo
Vejo as pessoas que nunca serei
As vidas que não são minhas
Experiências que nunca terei

Passos rápidos, passam lentos
Chegam e saem de seus destinos
De seus dias cheios
De suas vidas vazias

Vejo os carros com vidros fechados
Isolando o mundo do lado de fora
Dos segredos do mundo do lado de dentro

Pela vitrine vejo as crianças passarem
Os carros passarem, os sonhos passarem

Imagino histórias, invento enredos
Crio sentimentos, desfaço frustrações
E alcanço cada um
Com tudo que sou

Pela janela, vitrine da vida
Vejo que sou nada
Que tudo caminha sem mim
Que todos acontecem
Que tudo é e está
Sem mim.

Poema sem rima

No poema sem rima
Faço-me feliz
Faço-me inteira
Permito-me a entrega
O exagero e a exatidão
Nas palavras que reúno
Posso criar o que já existe
Inventar o que é comum
Tornar ordinário o que é raro
Na folha de papel, ou na tela do computador
Sou eu mesma e sou ninguém
Sou aquela e sou aquele
A imagem e a ação

No poema sem rima
Posso voar e ousar
Posso nem tentar
E todo esforço já valeu
Toda censura se esconde e se revela
Nas palavras que reúno
Sinto raiva, sinto amor
Ouço o som do desespero
E vejo a cor da mansidão
Na folha de papel, ou na tela do computador
Sou nuvem, sou desenho
Sou rascunho do mundo
Sou história mal contada
E vida plenamente vivida.

Retalhos

Vou colorindo meus dias
Com a tinta vermelha
Da descoberta, da paixão
Vivendo do fogo a centelha

Das batalhas perdidas
E das lutas ganhas
Faço uma colcha de retalhos
Dos meus feitos, das minhas façanhas

Subo cada ladeira
E desço cada precipício
Com a certeza palpável
De que tudo isso é apenas o início

Preparo o fogo
Atiço o vento
Estico os braços
Para saborear cada momento

Queimo em febre
Congelo em dúvida
Vontade antiga
Ou trapaça súbita

Ameaço explodir, como granada que sou
De dor e de felicidade
Viajo caminhos difíceis e longos
Em busca da minha verdade

E ela se descortina tão clara, tão cara, tão rara
Tão sem mágoa, sem marcas
Guardo-a em pedaços

Nas minhas velhas arcas

Trabalho as histórias

Desvendo os mistérios

Mergulho nos medos, sem medo

E reinvento meus próprios critérios

E nessa linha tênue que sou,

Eu nova, renovada em mim mesma

Menos certa de quem virei a ser

Transformo lentamente essa resma.

Risco de vida

Só se desilude quem sonha
Quem projeta, quem acredita
Só sofre quem se entrega
Só é feliz quem se oferece, quem se permite

De que adianta viver contido, encolhido
Sem brilho e sem ousadia?
Tranquilidade demais, para que?
Há que se preocupar com a saúde da alma!

O pulmão precisa de motivos para suspirar, para ser desafiado
Ficar sem ar também é exercício!

Mansidão demais faz mal ao coração
Bater mais forte ou parar de bater também o tonifica

Perder o controle também exercita a mente
Chorar lubrifica os olhos e a alma

Viver é perder, arriscar
Cair de cara no chão e andar na contramão
Descer pela escada que sobe
Voltar atrás e mudar de opinião
Sentir não só orgulho, mas frio na barriga
É ter que pensar "E agora?" pelo menos uma vez por dia
Equilibrar grito e silêncio.

Onde está a poesia?

A poesia está nas escolhas
E também em tudo aquilo que deixamos para trás
Ela está em cada conquista
E reside, reclusa, em cada frustração

A poesia está em nós, viva,
Guardada em pequenos recados,
Em longas cartas de amor
Em letras de músicas queridas
E em roteiros de brigas dolorosas

Está em ofensas trocadas
E em elogios sinceros
Em conselhos difíceis
E em verdades absolutas

A poesia nos segue, nos persegue
É nossa sombra e nossa dor
É a beleza dos detalhes
E o apelo dos bons momentos

Ela é, querendo não ser
Se esconde quando caçada
E floresce quando admirada
Mas só é, só está, só nos envolve quando quer

A poesia me encontrou
Quando eu menos procurava
E quando eu mais precisava
E ela me faz forte ainda que sensível

Me ajuda a sangrar e a estancar
Me ajuda a entender e acalmar

Caminhamos juntas, desde então,
Nessa estrada de sonhos que é a vida.

Um certo olhar

Se seu olhar fosse um abismo
Lá estaria eu, me jogando, me aventurando
Já teria pulado sem medo,
Sem apego ao que restaria de mim

Se seu olhar fosse um balão
Lá estaria eu, sobrevoando o mundo
Descortinando paisagens novas
Rezando para que o vento não tivesse fim

Se seus olhos fossem pontes
Lá estaria eu, fazendo a travessia com pressa
Com ânsia de chegar, de ver o outro lado
De conhecer o suposto desconhecido

Se seus olhos fossem chamas
Lá estaria eu, queimando, me desfazendo
Seria parte dessa fogueira
Ardendo feliz e por escolha consciente

Se seus olhos fossem jogo de azar
Lá estaria eu tentando, apostando todas as fichas
Lançando os dados, arriscando palpites
E torcendo para ter sorte em cada rodada

Esse olhar de mansidão e calma
De brusca queda e suave conforto
É espelho e esfera
Espera e desencontro

Esse olhar, um certo olhar
É medo que consome e esperança que move
É precipício, opção sem volta

É caminho que teimo em escolher.

Ela

Ela é tudo que eu não posso ser
E tudo de que você precisa
Ela é luz, alegria, nova fábula, pronta para ser escrita

É aventura sem ser perigosa
É carinho e aconchego
Ela é cama quente, braços abertos e coração disposto a amar

Mas ela não é fogo
Não arde como você gosta
Ela é calma e eu, descontrolado
É contexto enquanto sou pretexto para perder a razão

Ela é uma cor que não conheço ainda
Tem um sabor desconhecido, mas suave
É terra firme em meio a esse vendaval, porto mais que seguro

Ela é uma casa para fazer de sua
Um desenho a ser terminado
Uma versão diferente da história, sorriso fácil em um tempo de lágrimas

Mas ela não é brasa
Não queima para realizar seus desejos
Ela é presente e eu, futuro incerto
É abrigo enquanto eu sou aberto esconderijo

Ela é uma estrada a percorrer
Caminho sem fim, sem volta

Desejo que você derrape, mas apenas digo:
Boa viagem!

Trinta dias

Um dia a cor desbota
A música acaba, o sonho esmorece
Um dia a paisagem muda
A dor desiste, a voz emudece
Um dia o sentido se perde
Em palavras desconhecidas
Um dia as bocas se calam
Confinando palavras reprimidas
Um dia o olhar não vê
O toque já não sente
E tudo se anestesia
Um dia o amor acaba
Ou desiste de nós
Por achar que somos apenas apatia
Então outro sorriso passa a ser mais belo
Outro olhar, mais atento
Outra história, mais envolvente
Um dia a gente cansa
De tanto cansaço, tanto torpor
E também se cansam da gente
O que se quer é vida, é brilho
É brisa de ressaca e sopro de furacão
E tudo recomeça, ou cessa
E volta a arder em confusão.

A espera

Estamos computando os pontos
Contando os dias
Antecipando momentos
Esperando pelo melhor que há de vir

Há tanta coisa em jogo
E, ao mesmo tempo, nada a perder
Não há certo nem errado nessa espera

As regras somos nós que fazemos
Tênuos limites, frouxas fronteiras
Tanto caminho a percorrer!

A potência do sorriso e do abraço quero sentir
Por detrás do olhar, o sonho
E o conhecido não saber

Quero deitar em um peito cheio de estrelas
E ser transformada em luar
Permitindo-me assim parar de contar
E só esperar pelo melhor que há de vir.

Preto

Ele chegou para mim em forma de canção
Em forma de saudade, de vontade
Depois surgiu de verdade
Real e de repente

Trouxe respostas certas
Promessas simples
E medos reais, mas banais

Combina verso e prosa
Acre e adocicado
Frio na barriga e calor no coração

Ele dá ânsias de tocar e de sentir
Mas mora no abstrato, perigoso e intocável
Me atiça e rouba a atenção

Que louco esse rapaz
Desejoso de entrar na minha vida
Me querendo para si

Combinação complicada
Será ajuste possível? Encaixe perfeito?
Ou mais um tudo cheio de nada?

Doce contagem

Quero contar estrelas em seu olhar
Tomar para mim o que nunca será meu
Pois é no seu colo
No seu peito e no seu corpo
Que eu me invado
É ali que eu me perco
E ali mesmo me encontro
Porque todo meu antes deixou de existir

Quero contar as horas sem pensar no relógio
Tornar tudo realidade sem nada acontecer
Quero seu beijo, sem pressa
E ainda assim, afoito
O gemido nada contido
Sem modos e sem planos

Quero esse nosso roteiro
Sem ensaio, sem contexto
Contando os minutos para recomeçar
Querendo morrer para viver novamente em você.

Minha paixão

Minha paixão é verso
Não é hino para ser bradado aos quatro ventos
Nem musica comum para se ouvir alto
É canção de se escutar baixinho, perto do ouvido

Minha paixão não é pouca
É lastro, fonte que nunca seca
É jorro perene e singelo
Combustível e preenchimento

Minha paixão não é fogo
É água, que corre mansa
E que, vez ou outra, faz ondas precipitarem
Faz chover, faz molhar

Minha paixão é meu olhar
Meu toque e meu silêncio
É o suspiro, é o sussurro
Um tudo que é meu e que só cabe em mim.

Bastou uma vez

Não foi a aventura, não foi só ela
Tão sedutora, tão bela
Não foi o acaso, o destino disfarçado
Nem a sólida solidão

Não foi o dia, nem foi o lugar
Não foi o tempo, tampouco o plano
Nem foi inédito

Não foram palavras, não foram só elas
Mas elas foram fatais

Foi o olhar junto e os olhos fechados
As promessas não feitas
E os sorrisos plenos de satisfação

Foi a entrega, a alegria
A naturalidade da audácia
E a vontade de não ir embora

Foram os gestos, quase carinhosos
As mãos, quase exclusivas
A pele, quente e macia

Foi o prazer, luz e escuro,
O ventre e o sussurro
Foi o beijo sem pressa
O seu colo e o seu corpo.

Sempre ela

Fonte de todas as mais breves e sutis inspirações: a palavra.
Escrita, dita, solta no ar, ou no pensamento.
Trançada em um diário, impregnada em um livro, livre em uma música.
Ela, sempre ela, a palavra.
Aquele que tudo pode mudar ou que garante a inércia, a imutabilidade.
A que deseja ser lembrada e a que precisa ser esquecida.
A que derruba a barreira do silêncio e que transfere o sentimento.
A que ruge, a que sussurra
A que exalta, ou que humilha
Sempre ela, a palavra.
Jogos delas.
Seus sons.
Seus extensos.
Seus significados
Sempre elas, as palavras.
As que vão e as que ficam em nós.